

# A RESIGNIFICAÇÃO DA MORTE HERÓICA NA ENEIDA DE VIRGÍLIO: RITOS FUNERÁRIOS E REPRESENTAÇÕES DO MUNDO DOS MORTOS

Thiago Eustáquio Araujo MOTA; Ana Teresa Marques GONÇALVES  
Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás

[theamotta@hotmail.com](mailto:theamotta@hotmail.com)

Palavras- Chave: Epopéia, Roma, Morte Heróica, Ritos Funerários

## 01. Introdução:

Discutiremos nessa comunicação as representações literárias da morte, a religiosidade e sociabilidade que os ritos mortuários engendravam na sociedade romana do século I a.C, abordadas a partir do estudo da epopéia, a *Eneida* de Virgílio. A despeito do móvel da ação estar situado num tempo mitológico, anterior a fundação da própria *urbs*, a epopéia depõe sobre o espaço de experiência de seu autor e, nesse sentido, possui valor como documento histórico. Diríamos que a obra literária é o índice das sensibilidades, do modo de pensar, agir e conceber o mundo o que se pode chamar de “sintonia fina” de uma época. A obra literária revela os “sintomas” de uma temporalidade que se esvaiu, as imagens e utopias dos homens de outrora e que por sua vez eram projetadas no espaço de convivência (PESAVENTO, 1999: 13).

Mais que uma ocorrência biológica, fator natural, destino de todo organismo vivo, o fenômeno do aniquilamento humano reveste-se de ampla significação social. Cada morte individual aparece como um desafio ao sistema de explicação do homem e do mundo é sentida, elaborada e em parte superada numa linguagem que envolve palavras, gestos e ritos, que não tem existência separada da cultura e, portanto, pode ser interpretadas numa tentativa de problematizar o tecido social. Jean Pierre Vernant (1989), no texto *A Bela Morte ou o Cadáver Ultrajado*, esclarece que, para os homens da Antiguidade, o processo da morte era algo bem mais complexo que a mera privação da vida. Morrer pressupunha um ritual prolongado cujo corpo era objeto de uma transmutação ao término da qual o indivíduo estava apto a cruzar os umbrais da morte. Na Antiguidade Grega e Romana, os ritos fúnebres apareciam como um momento privilegiado no qual a família e a própria

cidade ostentavam sua glória, riqueza ou, num sentido inverso, exprimiam sua inquietação e fragilidade.

## 02. Material e Métodos:

Na Antiguidade Clássica a epopéia era, grosso modo, um poema narrativo, composto em um metro predominante – o hexamêtro dactílo - cuja declamação deveria ser contínua e acompanhada por uma nota na lira. Segundo Nely Maria Pessanha (1992), a palavra grega *epopéia* é o prolongamento semântico da aproximação de duas outras: *épos* e *poéio*. *To Épos*, que no singular remete a ‘discurso’, ‘palavra’ ou ‘narrativa’ enquanto, *tà épea* designa, o ato de narrar em determinado tipo de verso, no caso o hexamêtro. Já *poéio* tem o sentido de ‘fabricação’ ou ‘criação’. Ainda no âmbito de uma definição clássica, para Aristóteles, é justamente o metro um dos parâmetros de diferenciação entre a *tragédia* e a *epopéia*, enquanto a primeira é imitação direta (da ação) de homens elevados, a outra conta com a mediação do narrador e emprega um metro uniforme (ARISTÓTELES, *Poética*, 1449b).

Em síntese, a *Eneida* celebra os feitos do herói homérico, Enéias, que guiado pelos Destinos lidera um grupo de refugiados troianos até o oeste da *Hespéria* (Itália), local designado para assentar a ‘nova Tróia’. Virgílio parece ter buscado nos poemas homéricos o parâmetro ideal de inspiração. A semelhança não pode ser mera coincidência, o latinista Ettore Paratore (1982), chega a dividi-la em *Odisseica* (do livro I ao VI) e *Iliádica* (do livro VII ao XII). Enéias, como Odisseu, enfrenta provações fatais no mar desconhecido, prenúncios mal interpretados conduzem o herói até Creta, vaga pelo mar Egeu, pela Grécia, Sicília, ancora na terra dos Ciclopes, aí resgata um dos companheiros de Ulisses, mais adiante é arremessado por uma tempestade nas plagas de Cartago (África), até finalmente aportar na Itália. Como o herói de Ítaca, Enéias desce aos infernos em busca da sombra do pai, Anquises. Também, podemos encontrar no poema de Virgílio narrativas de combates, como a peleja entre rútuos e troianos travada pela supremacia do Lácio. Não obstante, a obra de Virgílio situa-se em um contexto radicalmente diferente daquele que originou a *Ilíada* e a *Odisséia*, são outras motivações além de uma matriz cultural diferente. O herói *Enéias* orienta-se por

valores eminentemente romanos que são contemporâneos ao autor da epopéia, como a *pietas*, a *gravitas* e a *deuotio*<sup>1</sup>.

Tendo em vista as circunstâncias de composição da *Eneida* de Virgílio, assim como as peculiaridades e temas – *topoi* – que percorrem a narrativa épica, a obra traz numerosas referências para o estudo das representações coletivas e imaginário da morte na Roma de Augusto. A partir da análise exegética e hermenêutica do documento, em diálogo com a bibliografia especializada sobre poder, literatura e ritos públicos em Roma, problematizaremos a resignificação da morte heróica na narrativa poética virgiliana a partir da afirmação de idéias e valores romanos e seu desdobramento nas representações literárias do mundo dos mortos e rituais funerários. Para tal, focaremos três passagens da narrativa épica: a celebração do aniversário de morte de Anquises e os jogos fúnebres (VIRGÍLIO. *Eneida*, V. 01-830), o *descensus* de Enéias (VIRGÍLIO. *Eneida*, VI.) e os funerais de Palante (Livro XI. 01- 212).

### 03. Resultado e Discussões:

O *descensus* de Enéias ocupa a posição central do poema de Virgílio, é uma espécie de divisor de águas da narrativa. Devemos lembrar que a ideia de *catabasis* e *anabasis*, o descenso ao inframundo e a posterior saída dele é, reconhecidamente um *topos* da tradição literária antiga. Metaforicamente, a *catabasis* representa o desejo de superação da finitude humana, revela as vicissitudes do herói ao confrontá-lo com sua condição mortal e expô-lo ao temor da aniquilação. Ao deixar, ileso, os domínios da morte, o herói dá provas de autocontrole e resistência, reforçando sua excelência e os méritos que fazem ecoar seu nome na eternidade (FELTON 2007: 94).

Na *Eneida*, se existe referência a um espaço físico com indicadores concretos, presentes na própria geografia do Orco como rios, cavernas, bosques, abismos, descidas, caminhos e entrocamentos, essa espacialidade se desdobra para comportar outras dimensões como a religiosa, filosófica, histórica e moral. O Livro VI descreve a penetração do herói num campo religioso, completamente

---

<sup>1</sup> Sucessivamente a *pietas* pode significar tanto a observância nas relações e regras para com os deuses e com o lar, *gravitas* é traduzido enquanto frugalidade e sensatez e *deuotio* entende-se enquanto sacrifício tanto à unidade familiar quanto à República.

isolado da realidade profana, seu acesso, assim como num templo ou santuário, exige purificação e expiação.

Podemos perceber, a partir do mapeamento da fonte, que os mortos não são todos iguais, desempenham papéis e encontram-se em localizações distintas no além. Como no universo social e urbano de Roma, a espacialidade do submundo é extremamente complexa e hierarquizada, na *Eneida* e respeita uma lógica, sobretudo, moral, tendo em vista os valores romanos do período. De imediato, só podiam ingressar e ‘sobreviver’ no mundo dos mortos aqueles que, minimamente, receberam um cuidado para a conservação da memória na forma de um túmulo ou estela. Segundo Toynbee (1971), dois princípios básicos perpassam a compreensão e ritualística funerária na República Tardia e Início do Principado: primeiramente a morte traz poluição e exige distanciamento e purificação. Outra noção é que deixar o corpo insepulto podia resultar em conseqüências nefastas para a alma do falecido. Existe, pois, uma relação estreita entre o temor do esquecimento representado pela aniquilação e a fabricação da memória do morto. Cumpridas as exéquias, o indivíduo deixava o mundo dos vivos e passava a existir em outro plano, longe da corrupção do tempo. Seu nome se preservava entre as gerações futuras tanto pela renovação dos sacrifícios em intenção dos *manes* e da construção de um marco funerário. Como nos funerais públicos romanos, os funerais heróicos na narrativa poética da *Eneida*, trasbordam a escala do ordinário e se tingem com as cores do excepcional, do maravilhoso, confirmando, assim, a presença do morto no porvir.

#### 04. Conclusões:

Os poderes de *uates* puderam ‘transportar’ Virgílio bem longe no tempo, até os idos primordiais do destino de Roma e a dinastia dos reis troianos, tal movimento era importante para compreender as transformações de seu próprio tempo. Considerando o momento de composição da *Eneida*, a mesma, encontra-se nessa interseção onde o presente glorioso é iluminado pelo passado heróico e vice-versa: sendo uma narrativa de fundação, cumpre celebrar o realizador e seus ilustres descendentes, os últimos, os romanos de seu tempo, acabam imbricados na ação do primeiro. Certamente, a interpretação do complexo simbólico e figurativo da morte na cultura romana, seu relacionamento com os mortos e o culto aos ancestrais pode ajudar a esclarecer um pouco melhor os próprios ‘vivos’, no sentido de possibilitar um novo olhar sobre as engrenagens sociais e dispositivos de

poder ali operantes. Até e 'inclusive' na morte o universo romano não dispensa a liturgia e a hierarquia. Todo o esforço empreendido, a atenção voltada ao cerimonial, o cuidado com os signos de distinção do falecido e a assistência prestada ao culto mortuário buscam esconjurar o fantasma do absurdo, intrínseco à idéia de aniquilação completa. Certamente, as transformações em marcha no tempo de Augusto contribuíram largamente para resignificar o jogo cênico da morte, inserindo-o no porte do heróico e do monumental do qual a *Eneida* permite um vislumbre.

## 05. Referências Bibliográficas:

### A) Documentos Textuais

ARISTÓTELES. *Poética*. Edição os Pensadores – Aristóteles. Volume I. São Paulo: Abril, 1992.

SUETONIUS. 'Life of Vergil' In: \_\_\_\_\_. *Lives of Famous Men*. J. C. Rolfe. London: Loeb Classical Library, 1913 thru 1914.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Odorico Mendes. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

VERGILIVS. *Opera. Vol II. Aeneis*. Remigius Sabbadini. Roma: Typis Regiae Officinae Polygraphicae, 1930.

VIRGIL. *Aeneid I -VI*. Rushton Fairclough. London: William Heineman, 1916. (The Loeb Classical Library)

### B) Obras Gerais

FELTON, D. 'The Dead'. In: OGDEN, Daniel. *A Companion to Greek Religion*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 86-100.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

PESSANHA, Maria Nely. 'Características básicas da epopéia clássica' In: APPEL, M.B; GOETTEMS, M.B. *As Formas do Épico: da Epopéia Sânscrita à Telenovela*. Porto Alegre: Movimento/SBEC, 1992.

TANNUS, Carlos Antônio Kalil. 'A Eneida' In: APPEL, M.B; GOETTEMS, M.B. *As Formas do Épico: da Epopéia Sânscrita à Telenovela*. Porto Alegre: Movimento/SBEC, 1992.

TOYNBEE. J.M.C. *Death and burial in the roman world*. London: Thamer and Hudson, 1996.

VERNANT, Jean –Pierre. 'La Belle Mort et Le Cadavre Outragé' In: \_\_\_\_\_. *L'Individu, La Mort, L'Amour. Soi-Même et L'Autre In Grèce Ancienne*. Paris: Gallimard, 1982. p.41-89.